

## Críticas retiradas aleatoriamente da Internet

Glauco

03/08/2009

Mordaz, ácido, não livra a cara de ninguém, seja a polícia, os políticos, os religiosos, os jornalistas, os brancos, os negros, o povão ou a elite. É um livro muito atual. Mostra que ninguém tem razão, todos estão errados... É a hipocrisia social e o teatro da loucura em que vivemos.

A história de “A Fogueira das Vaidades” é contada por uma terceira pessoa, narrador onisciente, conhecedor dos pontos de vista não só de Sherman McCoy (o protagonista), mas de uma variedade de personagens, cujas motivações e pensamentos internos são livremente comentados. A impressão que Wolfe dá a seus leitores é de que ele se deleita com o mundo turbulento e fervilhante dos anos 80 em Nova York. Estamos vivendo o princípio da desregulamentação monetária e financeira que se sucedeu nesse período, prenúncio para a crise de 2008.

Nessa época o sucesso de Wall Street fez com que a cidade de Nova York vivesse um caldeirão de tensões raciais e culturais. A falta de moradia, a criminalidade crescente. Vários incidentes raciais de alto grau polarizavam a cidade.

(Autor desconhecido)

O enredo é bem interessante, sem dúvida. Entretanto, não há nada de grande literatura aqui, algo que torne o livro numa obra indispensável; é uma boa estória bem contada, sem grandes sofisticções estilísticas - daí minha avaliação de 3 estrelas. Mas, enfim, recomendo sim a leitura.

(autor desconhecido)

Paulo Francis, com a superficialidade que lhe era peculiar nos últimos anos, saudou em 1988 A fogueira das vaidades, de Tom Wolfe, com as seguintes palavras: “Nenhum filme ou jornal de tevê tem ou seguiu remotamente, o alcance desta obra, que estabeleceu a primazia da literatura sobre outros meios de comunicação”. A meu ver, Wolfe nem de longe conseguiu isso, mas talvez Francis já estivesse pressentindo que o livro SUBMUNDO estava vindo por aí e encaixar-se-ia perfeitamente nas suas palavras.

(Alfredo Monte - blog de leituras)

Enviado do meu iPhone